

Análise Estatística Descritiva da Comunidade Cachoeirinha (2010–2022)

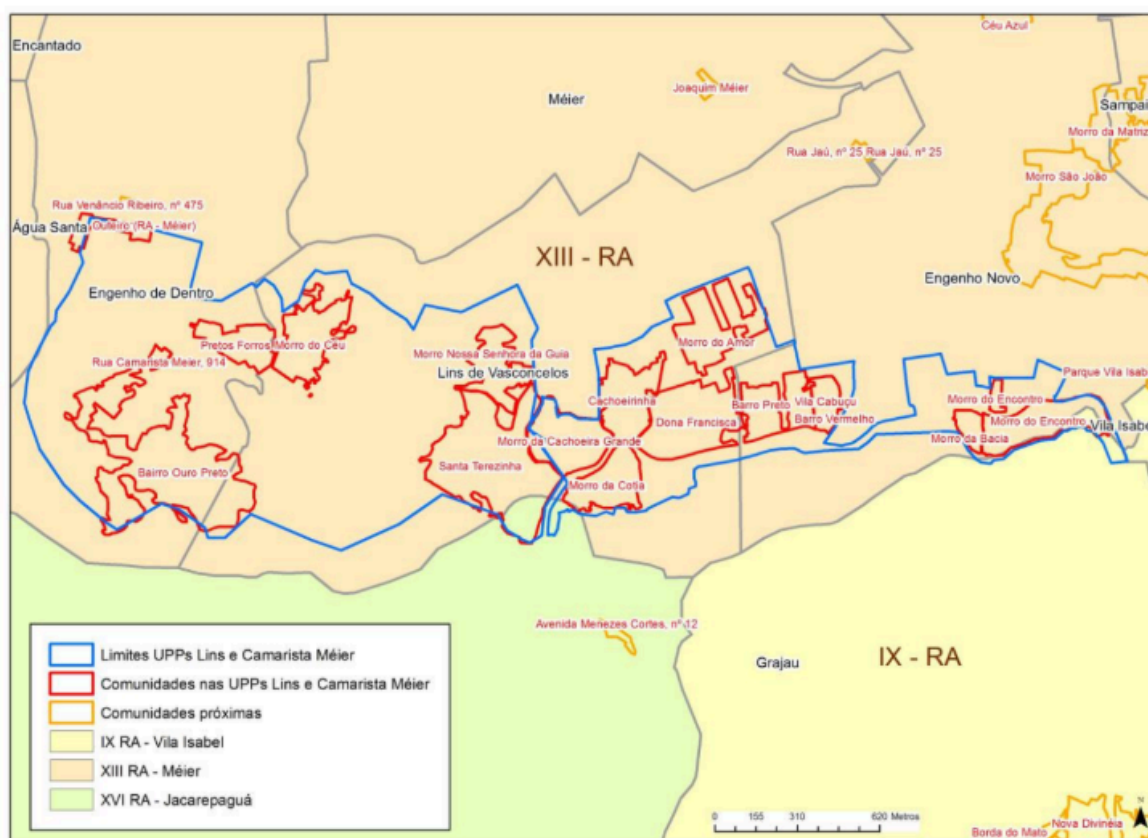
A aplicação da estatística descritiva permite compreender, em perspectiva temporal e espacial, os padrões populacionais e habitacionais da favela da Cachoeirinha, no Complexo do Lins, para melhor compreensão das pesquisas realizadas pelo LEDUB (Laboratório de Estudos das Transformações do Direito Urbanístico Brasileiro) no contexto do Projeto Direito das Favelas, Núcleo RJ. A partir dos dados dos Censos Demográficos de 2010 e 2022, dos levantamentos do programa Rio+Social¹ promovido em 2022 pelo Instituto Pereira Passos - IPP², esta análise evidencia tendências, variações e permanências, apontando fatores críticos de vulnerabilidade urbanística na região analisada³.

De acordo com o SABREN, a comunidade integra o Complexo do Lins, estando situada na Região Administrativa XIII e na Área de Planejamento 3.2 - Méier do município do Rio de Janeiro. Essas bases de dados permitem uma melhor compreensão do contexto social e urbano da Cachoeirinha, utilizando de informações relevantes presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Pereira Passos. Compreende num comparativo com outras regiões próximas, que também fazem parte do Complexo do Lins, como informa o limite das favelas presentes na XIII - RA abaixo.

¹ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Caderno Panoramas 5: Regiões de Planejamento – Méier (RP 3.2), Jacarepaguá (RP 4.1) e Bangu (RP 5.1)**, fl. 2. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos.

² PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Caderno Fichas dos Territórios 5: Batan, Cidade de Deus, Complexo do Lins, Jacarezinho, São João, Vila Kennedy**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos

³ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Panorama dos Territórios: UPPs do Lins**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2017



Fonte: SABREN/ IPP, 2013, ISP 2013

Apesar de terem sido encontrados materiais que avaliassem o contexto histórico, social e demográfico da Cachoeirinha, encontrou-se dificuldade no acesso aos documentos analisados. Isso porque, em suma, trata-se de uma favela com pouca visibilidade quando comparada a outras comunidades na cidade do Rio de Janeiro, observando-se em alguns casos, inclusive, uma diminuição da própria favela em dados demográficos. O que pode (ou não) se equiparar aos dados censitários locais realizados pela própria Associação de Moradores de maneira informal. Tais dados analisados repercutem um desenvolvimento positivo ou negativo dos serviços prestados, do número de residências, dos serviços disponíveis, do perfil dos moradores, entre outros dados importantes para uma melhor compreensão da Cachoeirinha.

A população durante o ano de 2010 registrou 1.969 habitantes, recuando para 1.872 em 2022 quando comparado ao Censo Demográfico seguinte, o que corresponde a uma variação negativa de 4,9% aproximadamente. Essa leve retração acompanha a redução da densidade demográfica, que passou de 38.540 hab/km² para 36.705 hab/km² (queda de

aproximadamente 5%). Essa diminuição, embora estatisticamente modesta, pode indicar fluxos migratórios internos ou reconfiguração de lares, evidenciada pela queda de 2,2% no número de domicílios (de 552 para 536) e pela leve redução da média de moradores por domicílio (de 3,57 para 3,49).

Tabela 1 - Densidade Populacional				
Ano do Censo	Habitantes	Densidade Demográfica (hab/km ²)	Domicílios	Moradores por domicílio
2010	1.969	38.540	552	3,57
2022	1.872	36.705	536	3,49
Fonte: elaboração própria com base nos dados do IBGE, 2010 e IBGE, 2022				

Em termos de estrutura etária, a distribuição de 2010 já mostrava uma população jovem: 33,1% de crianças (0–14 anos) e 28,8% de jovens (15–29 anos). A estabilidade no total populacional e na média de moradores sugere manutenção desse perfil, com tendência a envelhecimento gradual, fenômeno típico de comunidades urbanas consolidadas e mais tradicionais, como no caso da Cachoeirinha.

Tabela 2 - Estrutura etária da população residente na Favela da Cachoeirinha			
Ano do Censo	Crianças (0–14 anos)	Jovens (15–29 anos)	Adultos e idosos (30 anos ou mais)
2010	33,10%	28,80%	38,10%
Fonte: elaboração própria com base nos dados do IBGE, 2010 e IBGE, 2022			

Os dados seguintes apontam que o recorte por sexo permanece equilibrado: 51,1% de mulheres em 2010 e 51,5% em 2022, com razão de sexos de 95,5 homens para cada 100 mulheres. Quanto ao perfil racial, o Censo de 2022 traz um dado fundamental para a pesquisa: 64,7% da população se declara parda ou preta (32,4% branca, 1,5% amarela, 0,4% indígena). A ausência dessa informação em 2010 não permite cálculo de variação, mas a magnitude atual indica forte racialização do território, dado relevante para políticas públicas de equidade racial. Em entrevistas realizadas com (ex) moradores, observa-se uma predominância da autodeclaração dos moradores locais em parda e preta de forma significativa.

Em 2010, os indicadores de posse já revelavam alta taxa de propriedade, com 91,1% dos domicílios sendo próprios, proporção superior à média do município do Rio de Janeiro (que possuía em Censo cerca de 73,1%). Em 2022, por outro lado, a predominância de casas chega a 95,1%, enquanto 2,7% dos lares são cômodos, categoria que não aparecia antes, sugerindo adensamento informal, subdivisão de residências, reconfiguração de lajes e puxadinhos. A ligeira redução do número de domicílios somada ao surgimento de cômodos reforça a hipótese de reorganização interna, em vez de mera evasão populacional.

Tabela 3 - população residente por sexo e perfil étnico		
Ano do Censo	Mulheres	Autodeclaração preta ou parda
2010	51,10%	-
2022	51,10%	64,70%
Fonte: elaboração própria com base nos dados do IBGE, 2010 e IBGE, 2022		

A estatística descritiva de 2010 revela índices críticos de saneamento, do qual a Cachoeirinha se torna referência negativa frente às outras favelas do mesmo complexo: possuía apenas 7,2% de residências com abastecimento de água adequado.

Essas taxas, já muito abaixo dos padrões urbanos mínimos, não têm evidências de melhora significativa até 2022. Por outro lado, os dados informam que a coleta de lixo apresenta cobertura total (100%). No entanto, enquanto foram feitas as entrevistas pré-definidas com (ex-moradores), atores sociais locais importantes, visita a campo, observou-se um acúmulo iminente de lixo em regiões que não são de coletas, bem como atraso na coleta semanal ocorrida todas as segundas, quartas e sextas-feiras da semana. Ao longo da pesquisa, entre os anos de 2022 e 2025, o uso de caçamba passou a ser mais utilizado pela Comlurb (empresa estatal de economia mista responsável por serviços de limpeza urbana na cidade do Rio de Janeiro), mas não se pode considerar como estável e formal o acesso a esse serviço.

Já a energia elétrica registra um dado ambíguo: apenas 17,9% com medidor oficial, sugerindo consumo sem regularização e riscos de segurança. Quanto à parte elétrica, a redução do uso de relógio e regularização da luz é baixa até o momento atual, revelando essa que destaca quão informais são as ligações elétricas da favela.

Em 2010, a taxa de alfabetização da Cachoeirinha era de 92,1%, com 7,9% de analfabetos entre pessoas de 10 anos ou mais. Essa taxa supera a média do município e revela um foco de exclusão educacional, sobretudo pelo fato da região não ter uma escola municipal ou pública disponível para uso dos moradores locais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Abrange apenas uma Creche Municipal Emmanuel, construída ao longo do Programa Favela Bairro, nos anos 90. O dado mais preocupante à época é a presença de 4,5% de crianças de 10 a 14 anos não alfabetizadas, mais que o dobro da média da cidade (2,0%). O IDEB de 2015 confirma a fragilidade: 4,8 nos anos iniciais e 4,0 nos finais, indicando queda após 2013 e apontando para a necessidade de políticas educacionais sustentadas.

O recorte econômico da Cachoeirinha revela que 72,5% dos domicílios vivem com até 1 salário mínimo *per capita* e 5,8% não possuem qualquer rendimento declarado. Esses números revelam uma alta vulnerabilidade econômica, parcialmente atenuada por programas como Bolsa Família (1.663 famílias) e Cartão Família Carioca (653 famílias). A dependência de transferência de renda é estatisticamente significativa e expressa baixa autonomia econômica, com impacto direto sobre condições de saúde e educação dos moradores, sejam eles crianças ou adultos.

Entre os anos de 2009 e 2016, os investimentos somaram R\$56,73 milhões, com destaque para o programa Morar Carioca (R\$35,24 mi) e ações de mitigação de risco (Geo-Rio: R\$13,3 mi) no Lins de Vasconcelos. Apesar do volume expressivo, a persistência de indicadores de saneamento precário indica que tais investimentos tiveram alcance limitado, não alterando significativamente os percentuais críticos de abastecimento de água e esgoto. Ou seja, surge o questionamento sobre a incidência e eficácia de tais programas no bairro do Lins de Vasconcelos, visto não ter sido identificado aumento significativo quanto aos dados da Cachoeirinha, contemplada por ambos os programas.

A análise estatística descritiva demonstra que Cachoeirinha apresenta padrões de estabilidade demográfica com leve redução populacional, mas permanece altamente vulnerável e, em muitos casos, sem assistência. Os números revelam uma comunidade majoritariamente negra e parda, com baixa renda, serviços básicos insuficientes e desafios educacionais persistentes. A consolidação da propriedade de moradias não se traduz em melhoria das condições urbanas, e o surgimento de cômodos indica processos de precarização. Mesmo diante de investimentos públicos, a estatística descritiva confirma a permanência de um quadro crítico de desigualdade estrutural sócio-urbana.

